

APPENDIX VERGILIANA: AS DIRAE

Bárbara Elisa POLASTRI
(Orientadora): Profa. Dra. Patrícia Prata

RESUMO: Nosso trabalho pretende apresentar sumariamente o *Appendix Vergiliana*, composto por poemas latinos diversos que foram anexados às obras do consagrado poeta latino Virgílio. É nosso objetivo apresentar, sobretudo, as *Dirae*, um dos textos que compõe o referido *Appendix* e discutir algumas questões pertinentes a este poema. Além de tecer alguns comentários a respeito do texto em si, busca-se discutir a polêmica questão de sua autoria. Outra intenção deste artigo é apontar nossas propostas de análises comparativas com duas obras latinas: *Contra Íbis*, de Ovídio e a *Bucólica I*, de Virgílio, com as quais as *Dirae* se assemelham no que tange, respectivamente, à invectiva e ao gênero bucólico.

Palavras-Chave: Letras Clássicas, *Appendix Vergiliana*, *Dirae*, autoria, análise comparativa.

Introdução¹

O conjunto de obras que foram anexadas às de Virgílio e que receberam o nome de *Appendix Vergiliana* foi, durante alguns séculos, objeto de interesse dentre os estudiosos, devido à possibilidade de terem sido escritas pelo poeta latino. Diante de tal possibilidade, buscava-se encontrar nessas obras um valor literário que fosse digno desse autor consagrado pelas *Bucólicas*, *Geórgicas* e *Eneida*. Assim, a maior parte dos estudos referentes ao *Appendix Vergiliana* a que temos acesso se preocupa em determinar a legitimidade ou ilegitimidade dos textos que o compõem ou em qualificá-los como bons ou ruins, deixando de lado outras questões ou análises.

O poema *Dirae*, a que nos atemos, é composto por 103 versos que teriam sido compostos no século I a.C. A esse poema parece ter sido anexado um outro, de 80 versos, a que se convencionou chamar *Lydia*, e tal junção provavelmente foi feita porque essa figura feminina aparece também nas *Dirae*. Apenas no século XVIII, contudo, descobriu-se que se tratavam de dois textos distintos, devido a Friedrich

¹ Vale ressaltar que as considerações feitas por nós, neste artigo, são parte de uma pesquisa mais ampla, que vêm sendo desenvolvida durante disciplina de Iniciação Científica. Neste momento, através de uma simplificação de nossos estudos, que ainda estão em fase inicial, destacamos pontualmente algumas questões que estão sendo ou que serão mais bem desenvolvidas e estudadas.

Jacobs, que observou diferenças de métrica, conteúdo e estilo entre os dois poemas.²

Embora haja um relativo consenso quanto a essa questão levantada por Jacobs, as opiniões divergem no que diz respeito à autoria desses dois poemas, visto que alguns defendem que teriam sido escritos pelo mesmo autor, e outros o negam categoricamente. Também há opiniões distintas no que diz respeito à data de composição dos dois textos ou, mais especificamente, discute-se qual deles teria sido produzido primeiro.

No que diz respeito às *Dirae*, vale ainda dizer, muitos estudiosos têm estabelecido comparações entre este texto e as *Bucólicas* virgilianas.³ Contudo, o objetivo dessas comparações não tem sido o de traçar paralelos e estudar possíveis relações (por exemplo, intertextuais) entre os poemas, preocupando-se, antes, em exaltar a obra virgiliana e refutar a do *Appendix*.

Appendix Vergiliana

Ao longo do tempo foram sendo acrescentados às obras genuínas do poeta latino Virgílio (70 a.C. – 19 a.C.) textos que são, em sua maioria, apócrifos, de autoria duvidosa ou controversa entre os estudiosos. Hoje parece ser consenso que a este conjunto de textos a que, na Idade Média, Escalígero deu o nome de *Appendix Vergiliana*, pertencem obras que teriam sido escritas durante a época de Augusto (e que seriam, portanto, contemporâneas de Virgílio) e obras posteriores, que algumas edições, inclusive, omitem. A maioria dos latinistas⁴ propõe que estes textos, que somam por volta de quatorze,⁵ são não só de diferentes épocas, mas também, é claro, de autores diversos normalmente denominados “menores” nos manuais de literatura.

Conte (1994) classifica o *Appendix Vergiliana* como uma coleção heterogênea de textos poéticos menores e Von Albrecht (1997), apesar de também considerar “menores” as obras que o compõem, acredita que seja “válido recordá-las

² Devido à descoberta de Jacobs, bem aceita dentre os estudiosos, hoje se considera que *Dirae* e *Lydia* são poemas distintos. Visto que também entendemos dessa forma, nosso trabalho se propõe a tratar apenas do primeiro. Assim, quando nos referimos às *Dirae*, tratamos apenas dos seus 103 versos, não fazendo qualquer referência aos outros 80 que a elas foram anexados e que conhecemos como *Lydia*.

³ Mais especificamente com as *Bucólicas I e IX*.

⁴ Ver CONTE (1994) e VON ALBRECHT (1997), por exemplo.

⁵ Pode-se considerar que sejam mais que quatorze, se levarmos em conta que o *Catalepton* é composto por dezesseis poemas, *Priapea*, por três, e que as *Elegiae in Maecenatem* são duas.

brevemente porque documentam o andamento helenístico ‘normal’⁶ da história da literatura” (pp. 657-8)⁷. Parece-nos coerente compartilhar a visão destes latinistas, no que diz respeito à variedade temática e de gênero do *Appendix*, visto que o compõem textos diversos, virgilianos⁸ ou não. Grosso modo, foram anexados às obras de Virgílio (dentre outros textos): epílios (ou pequenas epopéias) como *Ciris* e *Culex*; poemas didáticos, como *Aetna*; elegias, como *Copa* e *Elegiae in Maecenatem*; poemas priapeus – *Priapea* e *Quid hoc noui est?*; um conjunto de poemas breves, ou *Catalepton*, sendo, a maioria, composições de temática leve (*nugae*); textos de cenário bucólico como *Dirae*, *Lydia* e *Moretum*.

A possibilidade de tais textos terem sido escritos por Virgílio suscitou grande interesse dentre os estudiosos, conforme afirma Conte (1994), principalmente no que diz respeito ao “valor intrínseco” dos textos. Realizaram-se, então, estudos que utilizaram diversos critérios com o objetivo de determinar a época em que cada obra teria sido composta e, mais especificamente, de determinar se Virgílio seria o autor que as compusera ou não. Nesses estudos, foram analisadas as técnicas de métrica empregadas, utilização de maneirismos⁹, e até mesmo o vocabulário usado em cada obra foi verificado e comparado com o utilizado nas três obras consagradas de Virgílio.

Fairclough (1922), que se deteve no estudo do vocabulário empregado nas obras do *Appendix*, acredita que, no caso de muitos autores, uma diferença de temática ou estilo seria suficiente para resolver a questão da autoria, mas que, no caso de Virgílio, a variação de tema ou de gênero estaria relacionada à mudança de estilo, conforme se observa em suas obras genuínas. Dessa forma, apenas a observação do tema ou do estilo empregados nas obras do *Appendix* não seria um método eficaz para atribuir ou negar a autoria destas a Virgílio, haja vista a já citada pluralidade de tema e estilo empregada pelo autor em suas obras, conforme afirma Fairclough. Sendo assim, Fairclough (1922), realizou o supracitado estudo referente ao vocabulário empregado nas obras do *Appendix* (estudo esse considerado eficaz, pelo latinista, para determinar se fora Virgílio ou não o autor dos poemas em questão), e concluiu pela não autoria virgiliana dos textos que o constituem.

⁶ Considerando que a literatura clássica de Virgílio ia contra a corrente alexandrina da época, seguida por Ovídio, Galo, Tibulo etc.

⁷ Tradução nossa para “Merece la pena recordarlas brevemente, porque documentan la andadura helenística ‘normal’ de la historia de la literatura”.

⁸ Quando dizemos “virgilianos”, aqui, não afirmamos que tais obras sejam de autoria do poeta, mas que estejam relacionadas às temáticas e aos gêneros das três obras genuínas de Virgílio.

⁹ Fairclough (1922) cita como exemplos de maneirismos: o emprego de participios no nominativo singular e o modelo seguido por certos autores, de falar acerca de seus propósitos literários.

Como muitos estudiosos contemporâneos, Fairclough (1922) entende que, quando as obras esparsas que compõem o apêndice apareceram sem indicação de autoria, foram colocadas junto às de Virgílio, cujo “nome”, logo após a época de Augusto, estaria no auge. Presumiu-se, então que tais “obrinhas”, como muitos as chamam, teriam sido escritas durante a adolescência ou juventude de Virgílio e a simples possibilidade de esse fato ser real permitiu que fossem preservadas e chegassem até nós.

Em contrapartida, Suetônio, Sérvio e Donato atribuem algumas obras do *Appendix Vergiliana* a Virgílio, estando ambos os últimos de acordo¹⁰ com o que estabeleceu Suetônio, na sua *Vita Vergili*:

“Depois [escreveu] *Catalepton*, *Priapea*, *Epigrammata* e *Dirae*, assim como *Culex*, quando tinha dezesseis anos. (...) Escreveu, ainda, *Aetna*, fato de que se duvida.” (p. 82-3)¹¹

A tradição manuscrita atribui outras obras a Virgílio, como *Elegiae in Maecenatem* e *Moretum*.¹² Também de alguns códices tais composições constariam: *De institutione uiri boni*, *De est et non* e *De rosis nascentibus*. Durante o Humanismo, parece que não se pôs em cheque a questão da autoria virgiliana, sendo tal discussão levantada apenas no século XVI, por Escalígero, que atribuiu algumas obras a Virgílio (*Ciris*, *Culex* e *Catalepton*) e outras a outros autores, como Cornélio Severo e Valério Catão, dentre outros. No século XIX e início do século XX, a maioria dos estudiosos, como Rand e Frank, afirmava que as obras do *Appendix Vergiliana* eram todas (ou quase) da autoria de Virgílio, e as considerava como parte de um processo, de uma evolução poética que culminaria nas três obras consagradas do poeta. Mais recentemente, o consenso tem sido negar a autoria virgiliana, mas alguns latinistas ainda consideram, não sem alguma resistência, a possibilidade de dois poemas do *Catalepton* terem sido escritos por Virgílio, em sua juventude.

¹⁰ Sérvio também considera *Copa* uma obra de Virgílio e diferentemente de Donato e Suetônio, não coloca em dúvida o fato de *Aetna* ter sido escrita por ele.

¹¹ Tradução nossa para *Deinde "Catalepton" et "Priapea" et "Epigrammata" et "Diras," item "Ciris" et "Culicem," cum esset annorum XVI. (...) Scripsit etiam de qua ambigitur "Aetnam"*.

¹² Tais atribuições estariam presentes no catálogo de Murbach, do século IX, segundo Francisca Moya Del Baño, “Poesia ‘menor’”, in CODÓNER, C. (ed.) *Historia de la Literatura Latina*. Madrid: Catedra, 1997.

Dirae

O poema intitulado *Dirae*, objeto mais específico de nosso estudo, está dentre as obras que a tradição antiga – através de Suetônio, Sérvio e Donato – atribuiu a Virgílio, conforme mencionamos anteriormente. Na Idade Média, contudo, Escalígero contestou tal afirmação e defendeu que o poema em questão teria sido escrito por Valério Catão, gramático do século I a.C., hipótese aceita também por outros estudiosos, dentre eles, Ellis (1890).¹³ Vário (século I a.C.) também foi apontado como possível autor. Fairclough (1922), através de seu supracitado estudo, referente ao vocabulário das obras do *Appendix*, chegou à conclusão de que este seria o texto da coletânea com mais possibilidade de ter sido escrito por Virgílio, se somente o estudo lexical fosse levado em consideração, devido à pouca utilização de palavras “não-*virgilianas*”.

Hodiernamente, a maioria dos estudiosos não atribui a autoria do texto nem a Virgílio, nem a Valério Catão¹⁴ ou Vário. Aceita-se, antes, o texto como apócrifo e as opiniões convergem no que diz respeito a época em que teria sido escrito: no século I a.C., após a publicação das *Bucólicas*, texto que teria tomado como base. Conte (1994), é um dos que compartilham este ponto de vista: “Elas devem (i. e. *Dirae* e *Lydia*) ser vistas como um primeiro exemplo do desenvolvimento bucólico pós-*virgiliano*, que iria ‘florescer’ novamente na época de Nero.” (p. 431)¹⁵

Acredita-se, portanto, que o texto seja contemporâneo de Virgílio e somente se conjectura que seu autor anônimo tenha se baseado nas composições do consagrado poeta, jamais o contrário. Não obstante, Rand (1919), latinista que defende a autoria *virgiliana* da maioria das obras do *Appendix*, apresenta uma curiosa hipótese, que embora refutada pelos estudos mais recentes, julgamos interessante mencionar. Tendo a autoria *virgiliana* como inquestionável, assim como a essência biografista do texto¹⁶, Rand propõe que as *Dirae* teriam sido escritas na mesma época que as *Bucólicas*, e que as duas obras teriam elementos em comum, mas que estas seriam mais bem elaboradas que aquelas. Rand acredita, ainda, que embora o conteúdo *invectivo* que caracteriza as *Dirae* seja adequado à situação da perda das terras

¹³ Ellis levanta alguns fatos que iriam ao encontro da hipótese da autoria de Valério Catão, dentre elas: este autor teria perdido seu patrimônio (como o eu poético das *Dirae*), teria escrito um *libellus*, de título *Indignatio*, onde figurariam poemas “menores”; o autor também teria composto um poema intitulado *Lydia*, que poderia ser o mesmo anexado ao texto das *Dirae*. Algumas dessas informações foram extraídas de Suetônio, *De grammaticis et rhetoribus*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

¹⁴ Como, por exemplo, VON ALBRECHT (1997) e CONTE (1994), dentre outros.

¹⁵ Tradução nossa para “They are (i. e. *Dirae* e *Lydia*) to be seen as a first instance of that post-*Virgilian* bucolic development that would flower again in the time of Nero.”

¹⁶ Rand (1919), acredita que Virgílio (ou pessoas próximas ao autor), tenham tido suas terras confiscadas, assim como a *persona* poética das *Dirae*.

tratada no poema, o próximo passo seria escrever uma bucólica, com o mesmo tema, ação justificada pelo bom senso do poeta, que escreveria sobre eventos contemporâneos, a serem, então, adaptados a uma forma poética mais apropriada.

Mais interessante ainda, visto que vai de encontro ao consenso atual a respeito da autoria e “valor literário” do texto, é a hipótese de Vollmer, que Rand (1919) apresenta através nota em seu texto. Para o latinista, assim como para Rand, as *Dirae* são de autoria virgiliana; Vollmer, contudo, ousa em propor que o poema não foi incluído no livro das *Bucólicas* por causa de seu tom mordaz, hipótese que não é aceita por Rand. Este autor, como já mencionado, julga que Virgílio tenha trabalhado o material das *Dirae* em uma nova forma e que, ainda, o poema seja invectivo, e não pastoral, não sendo, portanto, adequada a sua inclusão no livro das *Bucólicas*.

Deixando a complexa e interminável questão da autoria, a respeito da qual apenas apresentamos alguns pontos de vista expressivos, passemos para o texto. As *Dirae* se configuram, grosso modo, como um conjunto de imprecações proferidas por um camponês que estaria sendo expulso de suas terras, a serem entregues a um soldado, como recompensa por uma guerra vencida. Já nos primeiros versos, a *persona* poética esclarece que recomeçará a cantar suas terras “repartidas”, sobre as quais lança imprecações. É curioso que já no começo do poema seja dito que se recomeçará (*repetamus*) a cantar e que se cantará de novo (*iterum*).

Parece-nos, assim, que lançar maldições contra suas terras perdidas tenha se tornado uma espécie de ato contínuo de um “eu” poético inconformado e obcecado por maldizer os campos que passariam a pertencer a outro. Assim, o primeiro verso do poema¹⁷ se repetirá (com pequenas alterações) durante toda sua extensão, como espécie de refrão, antes de cada série de imprecações. Em seguida, o autor do poema utiliza um recurso que Curtius (1957) aponta como recorrente, tanto na literatura antiga como na medieval, as *impossibilia*, ou *adynata* de Virgílio, como era conhecido na Idade Média, e que consistem em uma série de acontecimentos impossíveis. Tal assunto será retomado adiante, quando comentarmos os pontos em comum que aparecem nas *Dirae* e em *Contra Íbis*.

Ao longo do poema, simplificada e resumidamente, o eu poético das *Dirae* expressa seu desejo de que tudo em seus campos perdidos defínhe ou seja destruído pelas forças da natureza, invocada para que suas palavras sejam acolhidas.¹⁸ Já no final do poema, o “eu” poético abandona o tom áspero e vívido e lamenta-se por deixar suas terras para que um soldado as receba e dela colha os frutos plantados

¹⁷ *Battare, cyneas repetamus carmine uoces* (“Bátaro, evoquemos en nuestro canto la melodía del cisne”).

¹⁸ *Vndae, quae uestris pulsatis litora lymphis/ litora, quae dulces auras diffunditis agris./ accipite has uoces (...)* (*Dirae* vv.48-50). (“Olas que azotáis las costas con vuestras aguas, costas que esparcís dulces brisas por los campos, acoged estas palabras (...”).

por ele. Despede-se, entristecido e já nostálgico, dos seus “doces campos” e de *Lydia*, sua provável amada.

É interessante mencionar, ainda, que nas *Dirae* aparecem dois personagens importantes no desenrolar da obra. Um deles, Lycurgo, é mencionado apenas uma vez, nos primeiros versos do poema.¹⁹ Fraenkel (1966) cita que o nome do personagem provém de uma palavra grega, λυκοξ, que denotaria “inimigo”, mas hesita em afirmar que o autor das *Dirae* conhecesse tal informação. Acrescenta, ainda, que o nome *Licurgus* tem um quê de bucólico, e nos remeteria ao *Lycidas* de Virgílio.²⁰ Quanto ao outro personagem, *Battarus*, pode-se considerar que seja atípico na literatura antiga, visto que seu nome é muito raramente encontrado em outros textos. Esta figura, que nos é desconhecida, parece funcionar como uma espécie de interlocutor que ouve e acompanha o monólogo do eu poético das *Dirae*. O personagem é invocado durante todo o poema, e seu nome apenas aparece no vocativo *Battare*, assim como o *Tityrus* das *Bucólicas* virgilianas. Desta forma, Fraenkel (1966) traça um paralelo entre *Tytire* e *Battare*, e propõe que o autor do poema em questão entendia *Battarus* como um nome bucólico e que não quisera usar o mesmo que Virgílio tinha usado anteriormente.

Quanto ao gênero e conteúdo, o poema em questão apresenta uma característica “híbrida” ocasionada pela combinação peculiar do ambiente bucólico com o teor invectivo dos cantos do eu poético. Essa “hibridez” é frequentemente mencionada pelos estudiosos. Para Fraenkel (1966), há uma estranha desarmonia entre o tema principal do poema, as imprecizações, e o cenário bucólico. Através dessa observação, o latinista aponta as duas tradições literárias que o autor das *Dirae* combinou nesta composição: o gênero helenístico da poesia bucólica e, outro gênero da poesia helenística, Ἄραϊ, cujos maiores expoentes teriam sido Calímaco e Euforíon. Contudo, Fraenkel (1966) julga que apenas considerar as *Dirae* como uma combinação destes dois gêneros seria simplificar a questão, pois considera que o germe, ou o princípio deste texto estaria encerrado nas *Bucólicas*: “Foi algo genial, quando o poeta das *Dirae* tomou essa ‘semente’ e deixou-a tornar-se grandes ‘maldições’. Ele deve ter sentido que tal tema estava singularmente afim ao seu ‘dom natural’”. (p.153)²¹

Em contrapartida, o mesmo autor julga que o poema de conteúdo por ele elogiado tenha sido “desfigurado” pelos elementos bucólicos com que o autor

¹⁹ *Montibus et siluis dicam tua facta, Lycurge (Dirae, v. 8)* (“A montes y selvas contaré tus acciones, Licurgo”).

²⁰ Note-se que Fraenkel (1966) entende que o autor das *Dirae* teria utilizado elementos do texto das *Bucólicas* como ponto de partida para compor seu poema.

²¹ Tradução nossa para “It was a stroke of genius when the poet of the *Dirae* picked up this seed and let it grow into full-sized ‘Curses’. He must have felt that such a theme was singularly congenial to his natural gifts.”

“adornou” o poema, como a flauta do pastor, que acompanha as maldições proferidas, e pela repetição de versos, ou refrões.

Ainda a respeito do caráter “híbrido” do texto em questão, encontramos em Kenney (1996) a visão trazida na maioria dos estudos recentes acerca das *Dirae*. Sendo os poemas invectivos de Calímaco e Euforíão tidos como antecedentes importantes do gênero, *Contra Íbis*, de Ovídio, é sempre lembrado como exemplo tardio desse tipo de texto.²² Já o tema abordado, ou seja, o confisco de terras, é tratado como variação das *Bucólicas* virgilianas, e essa mistura de pastoral e invectiva configuraria um texto em formato de “patchwork”, ou seja, “híbrido”. No *Appendix Vergiliana*, vale lembrar, há outros textos nesse formato, como o próprio *Lydia*, que misturaria o pastoral e o elegíaco.

. *Dirae* e *Bucólica* I

A leitura das *Dirae* nos remete as *Bucólicas* virgilianas primeiramente por seu próprio cenário, ou “pano de fundo”, visto que os cantos do texto se desenrolam envolvidos por elementos do ambiente bucólico: as flautas (*auena*) que acompanham o canto do eu poético, os campos (*rura*), os bosques (*silua*), as ovelhas, ou cabras (*cappellae*), etc. A este respeito, Fraenkel (1966), comenta:

“O poeta de *Dirae* fixou para si a tarefa de escrever *variazioni su un tema di Virgilio*. Ele não adotou a postura de um *Vergilius personatus*, como faria o autor de *Culex*, algumas décadas depois. Ele preferiu ser um *poeta Vergilianus*. Seguiu Virgílio não apenas em muitos detalhes, mas – até mesmo mais importante – na ‘montagem’ de todo um poema” (p.154)²³

Apenas a título de ilustração, pois o momento não permite que nos alonguemos, apontamos uma cena em que notamos a semelhança do texto em questão com a *Bucólica* I, cena esta em que os pastores que aparecem em uma e em outra obra estão deixando suas terras e despedindo-se de seu rebanho²⁴:

²² Note-se que entre ambos (*Dirae* e *Contra Íbis*) não se estabelece relação alguma, visto que *Contra Íbis* é tido como posterior às *Dirae* e, então o “poema menor” não poderia ter influenciado um poeta consagrado como Ovídio.

²³ Tradução nossa para “The poet of the *Dirae* has set himself the task of writing *variazioni su un tema di Virgilio*. He did not adopt the pose of a *Vergilius personatus*, as did the writer of the *Culex* some decades later. He preferred to be a *poeta Vergilianus*. He followed Virgil not only in many details, but – even more important – in the setting of the whole poem.”

²⁴ Note-se a tristeza com que os pastores o fazem, o tom saudosista e a afetividade com que se dirigem às suas “cabrinhas”, em ambas as obras.

*Tardius, a, miserae descendite monte cappellae
(mollia non iterum carpetis pabula nota)
(Dirae, vv. 91-2)* Muy lentamente, ah, descendened del monte desdichadas
Cabrillas (no gozaréis más de los suaves pastos conocidos)
(trad. Arturo Soler Ruiz)

*Ite meae, felix quondam pecus, ite, capellae:
Non ego uos posthac, uiridi proiectus in antro,
Dumosa pendere procul de rupe uidebo;
Carmina nulla canam; non, pe pascente, capellae
Florentem cytisum et salices carpetis amaras.
(Bucólica I, vv. 74-8)* Feliz rebanho outrora, ide, cabritas minhas, ide!
Não mais eu vos verei, deitado na caverna verde,
Pender ao longe de um rochedo cheio de silvados.
Já não mais cantarei; nem mais, sendo eu pastor, cabrinhas,
Mascareis o cítiso em flor nem o salgueiro amargo.
(trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos)

A outra questão, esta mais pontual, que nos remete à *Bucólica* I ao lermos as *Dirae*, é o fato histórico que o texto toma como base: o confisco de terras de camponeses, que seriam entregues a veteranos de guerra.²⁵ Nos dois poemas ocorrem repetidas menções ou alusões a estes acontecimentos:

Diuisas iterum sedes et rura canamus (Dirae, v.2) De nuevo cantemos nuestra casa repartida y nuestras terras
Ipsa cades, ueteris domini felicia ligna (Dirae, v.33) Tú misma caerás, selva feliz del antiguo dueño.

*Exul ego indemnatus egens mea rura reliqui,
Miles ut accipiat funesti praemia belli? (Dirae,
vv.84-5)* que un soldado reciba recompensas por una guerra funesta?
(trad. Arturo Soler Ruiz)

*At nos hinc alii sitientis ibimus Afros,
Pars Scythiam et rapidum create uenimus Oaxen
Et penitus toto diuisos orbe Britannos.
(Bucólicas,I, vv 64-66)* Mas daqui uns iremos aos sedentes africanos,
À Cítia outros, e ao veloz Oaxes rico em greda,
E aos bretões, separados tanto deste nosso mundo.
(trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos)

Embora ambas as obras tratem desse tema, Fraenkel (1966) aponta que nas *Dirae* são dados apenas os traços mais gerais a respeito do confisco de terras, indispensáveis para o entendimento do texto. Já na *Bucólica* I, o latinista vê uma proximidade maior com os fatos históricos, por exemplo, pela menção do *iuuenis*, Otávio, em seus versos centrais. Dessa forma, Fraenkel propõe que o autor das *Dirae* tenha tomado o “pano de fundo” de seu poema não dos próprios fatos históricos, mas das *Bucólicas* virgilianas. Vale ainda mencionar que, sendo consenso que ambos os poemas apresentam a mesma temática, os estudiosos

²⁵ Tais eventos teriam ocorrido após a batalha de Mutina, em 43 a.C. e após a batalha de Philippi, em 42 a.C.

apontam a diferença de “tom” que se faz perceptível na *Bucólica* I, mais sutil, e nas *Dirae*, mais mordaz e agressivo, posto que se trata de um poema invectivo.

Dirae e Contra Íbis

Como já mencionado anteriormente, esses dois textos são tidos como filiados à tradição da invectiva grega de Calímaco e Euforíão e ambos se caracterizam por lançar uma série de maldições que implicarão na desgraça de seus inimigos (no caso das *Dirae*, o novo proprietário das terras que pertenceriam à *persona* poética; no do poema ovidiano, o próprio *Íbis*,²⁶ “interlocutor” da *persona* poética). As imprecações do poema do *Appendix*, contudo, são lançadas sobre os campos, para que se tornem ruínas e seu novo dono não possa desfrutá-los como outrora o pudera seu proprietário que então o estaria deixando, ao passo que em *Contra Íbis* as maldições são direcionadas, principalmente, à pessoa do próprio “destinatário” do texto.

Retomamos, neste momento, a questão das *impossibilia*, tratada por Curtius (1957). Essa seriação de acontecimentos impossíveis é tratada pelo autor como recurso utilizado em textos que apresentam críticas e lamentações dos tempos, e que dessa seriação nasceria o *topos* do “mundo às avessas”. Tal recurso é encontrado tanto nas *Dirae* quanto em *Contra Íbis*²⁷, textos que apresentam *personas* poéticas em situações adversas:²⁸

*ante lupos rapiunt haedi, uituli ante leones,
delphini fugient pisces, aquilae ante columbas
et conuersa retro rerum discordia gliscet*
(*Dirae*, vv. 4-6)

Antes a los lobos se llevarán los cabritos, antes los terneros a los leones, los delfines huirán de los peces, antes las águilas de las palomas y, volviendo hacia atrás, crecerá la discordia de los elementos.

*Impia Trinacriae sterilescent gaudia uobis
Nec fecunda, senis nostri felicia rura,
semina parturiant segetes, non pascua colles,
non arbusta nouas fruges, non pampinus uuas,
ipsae non siluae frondes, non flumina montes.*
(*Dirae*, vv. 11-13)

Resulten estériles y sacrílegos para vosotros los gozos de Trinacria y no engendren mieses, dichosos campos del anciano mío, las semillas fértiles, ni pastos las colinas, ni los árboles frutos nuevos, ni la parra uvas, ni los propios bosques fronda, ni torrentes las montañas.
(trad. Arturo Soler Ruiz)

²⁶ Vale mencionar que “Íbis”, ave sagrada dos egípcios, “gosta de viver na podridão e na imundície, devora serpentes e escorpiões, espalha seu excremento por toda a parte e alivia os intestinos por meio de clisteres dados com o próprio bico” (p. 125), segundo Spalding, em OVÍDIO. (1967). *Arte de amar e Contra Íbis*. Tradução Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Cultrix.

²⁷ Aparecem passagens semelhantes também em Virgílio, na *Buc. VIII*, v. 52-8.

²⁸ Especificamente nas *Dirae*, devido a uma decisão política que podemos considerar um objeto de crítica do “eu” poético.

Terra tibi fruges, amnis tibi denegat undas,
Deneget afflatus ventus et aura suos.
Nec tibi sol calidus, nec sit tibi lucida Phoebé,
Destituant oculos sidera clara tuos.
Nec se Vulcanus nec se tibi praebet aer,
Nec tibi det tellus nec tibi pontus iter.

(*Contra Íbis*, vv. 107-12)

Que a terra te negue seus frutos, o rio as águas, que te recusem seus sopros o vento e a brisa; que o sol para ti não tenha brilho, a lua claridade, e que os astros luzentes fujam do teu olhar; que nem Vulcano e o ar se ofereçam a ti, que a terra e o mar te recusem caminho.

(trad. de Tassilo Orpheu Spalding)

Entendemos que a utilização do recurso das *impossibilia* é um dos pontos que ilustram o tom e conteúdo invectivo das *Dirae*, ponto que será mais bem desenvolvido através de nossa pesquisa. Vale ainda dizer que tomamos o texto ovidiano para estabelecer relações (inter)textuais com o poema do *Appendix Vergiliana* em questão pois considera-se que seja uma das únicas obras invectivas da literatura clássica que chegaram até nós.

Considerações Finais

Tendo em vista a brevidade de nosso trabalho, que não permite outras discussões, há de se ressaltar, ainda – não voltando à questão da autoria do *Appendix*, complexa e infundável –, o incômodo causado dentre os estudiosos pela possibilidade de as “obrinhas menores” que o compõem terem sido produzidas por Virgílio, ou pelo fato de que alguns assim consideram. Hodiernamente, seguindo ainda essa tradição, a maioria dos latinistas não tem proposto estudos com novas abordagens a respeito dessas obras, julgando que, negada a autoria virgiliana, nada mais há para ser dito a respeito delas, provavelmente porque as veem como “menores”.

Ainda no que tange a essa discussão, através de nossas breves proposições de análises comparativas entre as *Dirae* e a *Bucólica* I, por exemplo, podemos observar a possível alusão da primeira à segunda obra, não necessariamente porque o autor do texto do apêndice (considerando-se que não seja Virgílio) quisesse passar-se pelo poeta latino, mas porque o jogo alusivo está na base da literatura clássica.

Finalmente, vale dizer, antes de nos preocuparmos em discutir a qualidade da obra intitulada *Dirae*, ou em tentar definir seu autor – tarefa que parece, de fato, impossível – como vem sendo feito até hoje, buscamos estudá-lo como texto “híbrido”, composto pela alusão a elementos da poesia bucólica (cujo texto virgiliano da *Bucólica* I é um grande expoente) em um poema de teor invectivo (como o é *Contra Íbis*, de Ovídio) e analisar os efeitos de sentido gerados por essa retomada das *Bucólicas* virgilianas.

Referências Bibliográficas:

- ALBRECHT, M. V. (1997). *Historia de la Literatura Romana*. Traducción Dulce Estefanía; Andrés Pociña Pérez. Barcelona: Herder, v. 1.
- CODOÑER, C. (ed.) (1997). *Historia de la Literatura Latina*. Madrid: Catedra.
- CONTE, G. B. (1994). *Latin Literature: A History*. Translated by Joseph B. Solodow. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1994.
- CURTIUS, E. R. (1957). *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Tradução Teodoro Cabral; Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- ELLIS, R. (1890). "The Dirae of Valerius Cato". *The American Journal of Philology*, The Johns Hopkins University Press, v. 11, n. 1, p. 1-15, 1890.
- FAIRCLOUGH, H. R. (1922). "The Poems of the Appendix Vergiliana". *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, The Johns Hopkins University Press, v. 53, p. 5-34.
- FRAENKEL, E. (1966). "The Dirae". *The Journal of Roman Studies*, Society for the Promotion of Roman Studies, v. 56, parts 1 and 2, p. 142-155.
- KENNEY, E. J. (org.) (1996). *The Cambridge History of Classical Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, v. 2.
- MACKAIL, J. W. (1908). "Virgil and Virgilianism: A Study of the Minor Poems Attributed to Virgil". *The Classical Review*, Cambridge University Press on behalf of The Classical Association, v. 22, n. 3, p. 65-73.
- OVÍDIO. (1967). *Arte de amar e Contra Íbis*. Tradução Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Cultrix.
- PARATORE, E. (1983). *História da Literatura Latina*. Tradução Manuel Losa, S. J. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SUETONIO. (1944). *De poetis e biografi minori*. Torino: Chiantore.
- SUETONIUS. (1995). *De grammaticis et rhetoribus*. Oxford: Clarendon Press.
- VIRGÍLIO. (1982). *Bucólicas*. Tradução Péricles Eugênio da Silva Ramos São Paulo: Melhoramentos.
- VIRGÍLIO. (2006). *Obras Completas*. 3. ed. Madrid: Cátedra.